

DISCUSSÕES ACERCA DA ANCESTRALIDADE, SUBJETIVAÇÃO DO POVO NEGRO E A PSICOTERAPIA.

Jaíne H. Gonçalves Mendes¹

Flávia de Carvalho Barbosa²

Resumo: O estudo da ancestralidade se interessa pelo resgate da memória do povo negro, pela valorização de seus bens simbólicos e de toda a sua experiência. É por meio deste que se pode lutar contra o racismo e seus impactos sobre as subjetividades negras, discutindo a forma como este opera e se mantém na sociedade. Para discutir tal tema, essa pesquisa tem o objetivo de identificar as formas como o estudo da ancestralidade pode contribuir para psicólogos no atendimento e acompanhamento a demandas de pacientes que apresentam questões relacionadas ao racismo na psicoterapia. Os objetivos específicos visam discutir sobre o contexto histórico do povo negro no Brasil, apresentar o conceito de ancestralidade, tratar da subjetividade e processos de subjetivação, além de discutir as interfaces entre a psicoterapia e a ancestralidade. Esta é uma pesquisa de natureza exploratória, e de abordagem qualitativa, para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, foram entrevistadas quatro pessoas das cidades de Inhaúma e Sete Lagoas, já a análise de dados foi feita a partir de Bardin (1977). Os resultados abordam as experiências de racismo vividas pelos entrevistados e como estes lidaram com elas, o acesso dos entrevistados à psicoterapia e a importância do estudo da ancestralidade frente ao racismo e seus efeitos. Ao final, conclui-se que o estudo da ancestralidade pode auxiliar os psicólogos a compreenderem toda a historicidade do povo negro sob uma nova perspectiva, para melhor lidar com suas demandas.

Palavras-chave: Ancestralidade; Racismo; Subjetividade; Psicologia Preta.

Abstract: The study of ancestry is interested in recovering the memory of the black people, by valuing their symbolic goods and all their experience. It is through this that one can fight against racism and its impacts on black subjectivities, discussing the way it operates and remains in society. To discuss this topic, this research aims to identify the ways in which the study of ancestry can contribute to psychologists in attending and monitoring the demands of patients who present issues related to racism in psychotherapy. The specific objectives aim to discuss the historical context of black people in Brazil, to present the concept of ancestry, to address subjectivity and subjectivation processes, in addition to discussing the interfaces between psychotherapy and ancestry. This is an exploratory research, with a qualitative approach, for data collection, semi-structured interviews were used, four people from the cities of Inhaúma and Sete Lagoas were interviewed, while the data analysis was done from Bardin (1977). The results addressed the experiences of racism lived by the interviewees and how they dealt with them, the interviewees' access to psychotherapy and the importance of studying ancestry in the face of racism and its effects. In the end, it was concluded that the study of ancestry can help psychologists to understand all the historicity of the black people from a new perspective, to better deal with their demands.

Keywords: Ancestrality; Racism; Subjectivity; Black Psychology.

¹Discente pelo curso de graduação em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida- Sete Lagoas/ MG.
E-mail: jainemendes199796@gmail.com

²Docente no curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, graduação em Psicologia (Unicentro Newton Paiva), mestrado em Administração Pública (Fundação João Pinheiro).
E-mail: flacaba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo no Brasil, o povo negro e seus aspectos culturais foram retratados pela via da história da escravidão, contada a partir da dualidade branco-preto, senhor / escravo ou pela via do preconceito racial. Sua história pouco foi contada na íntegra e, quando se pensa nesta, é importante que se percorra os aspectos da ancestralidade que, por sua vez, é algo para além de um mero conceito. Ela trata de experiências de africanos e afrodescendentes, experiências estas que são marcadas por trocas simbólicas, culturais e materiais (OLIVEIRA, 2012). Ao mesmo tempo, verifica-se que a ancestralidade é envolta pela valorização da memória ancestral, pelo sentimento de pertencimento e a transmissão de saberes (SANTOS, 2019).

Para falar sobre a ancestralidade do povo negro, serão abordados aqui temas como racismo, subjetividade e a psicoterapia. Tal escolha se justifica por uma possível conexão entre estes, uma vez que os diferentes tipos de racismo (estrutural, institucional ou interpessoal) estão ligados a situações vividas por pessoas negras, vivências estas que podem ser adoecedoras e impactar sobre a forma como essas pessoas se percebem, e se se sentem pertencentes ou não. Devido às marcas deixadas pelo racismo sobre os indivíduos negros, como será abordado adiante, faz-se necessário pensar nas formas como se lida com tal questão no contexto da psicoterapia (TAVARES; KURATANI, 2019).

O presente trabalho se justifica por tratar do estudo da ancestralidade, um tema que até o momento não tem sido discutido amplamente nos espaços acadêmicos, o que se percebe pelo fato de se ter uma baixa produção acadêmica acerca do assunto. Somado a isso, percebe-se uma necessidade de discutir sobre a Psicologia Preta que é baseada em teorias e práticas voltadas para as subjetividades negras no contexto da psicologia clínica (VEIGA, 2019). Esse tipo de discussão se faz necessária em todos os espaços, em especial no espaço acadêmico, pode servir como um convite para que outros estudantes se interessem pelo tema e assim ocorra um aumento no número de pesquisas a respeito do mesmo.

O estudo da ancestralidade do povo negro certamente vai contribuir para a formação de psicólogos (as) que eventualmente vão se deparar com demandas ligadas ao racismo, é necessário que estes entendam o contexto e as vivências das pessoas negras, para a partir disso tratar de suas angústias e dos efeitos que o racismo possui sobre as subjetividades do povo negro. Diante disso, depara-se com a seguinte questão norteadora: De quais formas o estudo da ancestralidade pode contribuir para os psicólogos no atendimento e

acompanhamento a demandas de pacientes que apresentam questões relacionadas ao racismo na psicoterapia?

Pressupõe-se que o estudo da ancestralidade pode ser extremamente útil no contexto da psicoterapia, uma vez que essencialmente a ancestralidade trata da cultura, dos saberes, memória e a experiência do povo negro em si, baseado na afrocentricidade, o que conseqüentemente denota uma valorização de toda e qualquer produção desse povo e estabelece resistência às diversas formas do racismo (REIS et al., 2020). Acredita-se que a Psicologia pode fazer uso desses recursos para melhor compreender e acolher indivíduos negros e suas demandas ligadas ao racismo no contexto de psicoterapia.

Para buscar responder à questão norteadora, este trabalho tem como objetivo geral identificar as formas como o estudo da ancestralidade pode contribuir para os psicólogos no atendimento e acompanhamento a demandas de pacientes que apresentam questões relacionadas ao racismo na psicoterapia. Como objetivos específicos buscará discutir brevemente sobre o contexto histórico do povo negro no Brasil, além de apresentar o conceito de ancestralidade, tratar da subjetividade e os processos de subjetivação para em seguida 0.

Esta é uma pesquisa de natureza exploratória e de abordagem qualitativa. Para a obtenção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um total de oito perguntas, sendo que foram entrevistadas um total de quatro pessoas, das cidades de Inhaúma e Sete Lagoas, sendo estes negros de pele retinta. Vale destacar que a seleção dos entrevistados foi influenciada pela disponibilidade e acessibilidade dos mesmos para falar sobre o tema e conceder a entrevista por via online.

Todos os entrevistados receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, previamente foi explicado o intuito da pesquisa e todas as dúvidas foram esclarecidas. A análise dos dados foi feita a partir de Bardin (1977), uma vez que a análise de conteúdo é uma prática empírica que possibilita o enriquecimento da pesquisa exploratória. A análise de conteúdo envolveu três etapas: a pré-análise que consiste em uma leitura e seleção do material a ser utilizado, seguida da exploração e interpretação dos dados obtidos.

Quanto aos resultados, ficou evidente a relação entre o processo de colonização do Brasil, e o racismo que se vivencia atualmente nas mais diversas esferas e em suas várias formas. Além disso, os resultados demonstraram que apesar de a maioria dos entrevistados terem vivido situações de racismo, isso não acarretou no auto ódio apontado por alguns autores aqui citados, que consideram este um dos grandes efeitos do racismo sobre subjetividades negras. Quanto à contribuição do estudo da ancestralidade para os psicólogos

no atendimento a demandas ligadas ao racismo, a pesquisa demonstrou que por proporcionar a valorização da experiência e dos saberes do povo negro, e proporcionar o resgate de memórias e símbolos, o estudo da ancestralidade pode ser utilizado por esses profissionais para atender melhor uma população que segundo a literatura consultada ainda carece de maior atenção da psicologia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contexto histórico do povo negro no Brasil

Considerando o assunto central a ser tratado, a ancestralidade, é preciso discutir brevemente o que significa ser uma pessoa negra no Brasil, para se pensar na maneira como esse grupo de pessoas se percebem e são percebidos pela sociedade. Segundo Silva e Agostinho (2020), no Brasil é negro quem se identifica como preto e pardo, sendo importante considerar as produções culturais, sociais e políticas que envolvem a questão racial. Segundo dados do IBGE referentes ao período de 2012-2016, o número de pessoas a se declararem pardas corresponde a 46,7% da população, já o de pessoas a se declararem pretas corresponde à 8,2%, alcançando a taxa de 95,9 milhões e 16,8 milhões de cidadãos brasileiros, respectivamente. Pelo fato da população autodeclarada negra constituir a maioria da população, é importante tratar das questões referentes a esse grupo.

Segundo Ortegal (2018), no que diz respeito às relações raciais desde épocas anteriores à abolição da escravatura, o europeu fazia uma distinção de cunho racial entre o africano e o indígena. Essa distinção era feita com base em fatores espirituais, médicos e biológicos e até mesmo a partir do senso comum. Esta distinção tinha o intuito de estabelecer uma hierarquia, porém também estipulava o que era ou não humano, com o intuito de se isentar moralmente por processos como a exploração e escravização destes.

Ainda tratando de questões raciais, é importante mencionar sobre como estas influenciam na construção da identidade do povo negro brasileiro. A identidade pessoal do indivíduo negro frequentemente é vinculada a seu grupo étnico-racial como um todo, sendo que a este mesmo grupo por vezes é atribuída uma imagem carregada de estereótipos e que envolve fatores culturais como religião, política, artes, visão de mundo e economia. Essa imagem atribuída ao negro é construída coletivamente em uma sociedade ainda muito racista, o que contribui para que os mais diversos estereótipos sejam reforçados (FERNANDES; SOUZA, 2016).

Todo esse movimento se relaciona com a colonialidade do poder, que pode ser entendida como as formas de dominação de uma raça por outra, baseado na própria ideia de raça e nas distinções existentes entre colonizadores e colonizados, onde a construção de identidades sociais são influenciadas por questões raciais que consequentemente foram ligadas à hierarquia e aos papéis sociais (QUIJANO, 2005). Ainda tratando deste mesmo tema Bragato (2016) explica que apesar do período colonial ter se findado há muito tempo, ainda nos dias atuais lida-se com relações de poder oriundas desse período, sendo que estas envolvem as produções econômicas, as construções do saber e a identidade, como raça e gênero, sendo que tais relações de poder sempre se deram de forma assimétrica.

2.2 O que é ancestralidade

A ancestralidade é o meio pelo qual os saberes e memórias do povo negro são transmitidos através das gerações, ela ocorre por meio da oralidade, dos contos, das danças, dos cantos, dos rituais religiosos e outros bens simbólicos (SANTOS, 2020). Já para Oliveira (2012), a ancestralidade vai além dos aspectos culturais, as relações consanguíneas ou o parentesco simbólico, se constituindo como uma filosofia, cujo intuito é produzir sentidos e tratar da experiência do povo negro.

A partir do que expõe Oliveira (2012), é possível compreender que a filosofia da ancestralidade é um confronto às tentativas do eurocentrismo de inferiorizar ou até mesmo invalidar a cultura negra e seus símbolos, é a partir dela que é possível conceber filosofias à luz de uma perspectiva afrocentrada. Quando se entra em contato com as práticas ancestrais mencionadas anteriormente, se cuida do corpo e da alma, se atenta para as feridas oriundas do racismo e demais vulnerabilidades vivenciadas pela comunidade negra. Assim como também proporciona a partilha de identidade, das lutas em nome do fim de preconceitos e estigmas associados erroneamente à figura do negro e sua cultura (SANTOS, 2019). Sendo assim é possível conceber a ancestralidade e seus símbolos como ferramentas de cura coletiva.

A espiritualidade é um aspecto importante no que diz respeito à ancestralidade, na qual as religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé, possuem grande importância dentro da comunidade negra, pois por meio de seus ritos, os saberes tradicionais dessas religiões são perpetuados. Os terreiros e espaços onde se pratica tais ritos são lugares nos quais se promove o acolhimento e a criação de laços que proporcionam o sentimento de pertencimento aos indivíduos que ali se inserem. Isso se deve pelo caráter coletivo desses

espaços, onde se estimula o cuidado de si e do próximo e a atenção para as vulnerabilidades e questões sociais, como o enfrentamento ao racismo referente às religiões de matriz africana (SANTOS, 2019).

A transmissão de saberes nestes espaços se concretiza graças à oralidade, na qual a palavra e a comunicação têm importância vital e são feitas conexões entre os rituais religiosos e questões sociais, fazendo uso dos conhecimentos e ensinamentos dos antepassados para esclarecer questões atuais (FERREIRA, 2020). A capoeira foi um movimento de resistência, pois foi o meio de defesa adotado pelos negros diante da ameaça de violência, chegando a receber o *status* de prática violenta e, conseqüentemente, proibida por um certo período no Brasil (SANTOS; CORREIA, 2019). Assim como na oralidade é possível fazer conexões e aprender a própria história, as letras das músicas entoadas durante o jogo da capoeira relatam vivências e fatos históricos referentes ao povo negro, o que contribui na preservação da memória do povo negro, na educação e transmissão de saberes.

O racismo e seus efeitos coloca o negro num lugar de inferioridade que o leva a desejar se enquadrar nos ideais brancos e até mesmo a odiar seus traços físicos, sua cultura e seus corpos. O contato com sua herança ancestral cultiva no indivíduo negro uma aceitação de sua própria identidade, o incentiva a entender as violências infligidas sobre os corpos negros no decorrer de suas vivências e superá-los. Portanto, pode-se conceber o contato com a ancestralidade como um processo de cura desses efeitos do racismo sobre as subjetividades negras (VEIGA, 2019).

2.3 Subjetividade e processos de subjetivação

A subjetividade pode ser tida como tudo aquilo que torna cada pessoa única e diz de suas particularidades enquanto indivíduo. Ela envolve tanto vivências pessoais quanto coletivas, e seus respectivos significados. A subjetividade é algo que se constrói no dia a dia e está ligada aos estímulos recebidos por cada indivíduo, sendo que não pode ser tida como algo estático, mas sim algo em constante movimento (OLIVEIRA; TRINDADE, 2015). Os processos de subjetivação são os meios pelos quais a subjetividade se concretiza. Tais processos ocorrem no cotidiano do ser humano, por meio de suas relações e experiências, e estão ligados à cultura e à história, sendo que a influência da cultura se liga aos modos de pensar e agir de cada região, já a história se relaciona aos acontecimentos que originaram as ditas formas de pensar e agir (OLIVEIRA; TRINDADE, 2015). A subjetivação de um

indivíduo corresponde à constante interação do mesmo com tudo aquilo que lhe constitui enquanto sujeito, pois a partir dessa tomada de conhecimento acerca de si é que o mesmo se assegura do que é (SILVA, 2016).

Optou-se por falar de subjetividade na presente pesquisa pelo fato de que um dos temas aqui abordados (o racismo) é algo que perpassa a subjetividade das pessoas negras e influencia a maneira com que esses veem a si e seus corpos. O racismo e suas repercussões ocasionam em um senso de diferenciação por parte da pessoa negra, onde essa percebe que não corresponde aos padrões e ideais brancos e no pior cenário isso pode desencadear sentimentos de ódio contra o próprio corpo e seus traços e uma vontade de afastamento daquilo que lhe caracteriza como sujeito negro (VEIGA, 2019). Pensando no conceito de subjetividade e dos processos de subjetivação, é válido refletir no fato de que todo o contexto histórico e cultural do Brasil desde o período de sua colonização influencia negativamente na construção da subjetividade, dificultando que esse faça uma introjeção de aspectos que componham sua subjetividade enquanto sujeito negro.

Tendo em mente essa influência da cultura e da história sobre os processos de subjetivação, é cabível relacionar esse assunto a forma como a história do povo negro é contada, sempre a partir da dualidade branco- negro, senhor- escravo, e nesse movimento se deixa de lado toda a agência do povo negro, se omite seus movimentos de luta e resistência ao longo do tempo. Diante disso pode-se pensar no quanto é importante que sujeitos negros saibam de sua história para além das vias da escravidão. A fim de que suas subjetividades sejam construídas a partir do conhecimento acerca de si mesmo e de seu povo, e para que isso ocorra Santos e Oliveira (2019) chamam a atenção para a necessidade de uma psicologia que se proponha a pensar sobre as relações raciais e reconhecer a particularidade histórica do povo negro no Brasil.

2.4 Interfaces entre a psicoterapia e a ancestralidade da comunidade negra no Brasil

A necessidade de pertencimento se relaciona à necessidade dos seres humanos de se inserirem em um grupo e serem aceitos, ao mesmo tempo em que se relaciona com o estabelecimento e manutenção de laços sociais, cujos efeitos se mostraram benéficos ao ponto de evitar que um indivíduo sofra com isolamento social. (GASTAL; PILATI, 2016). É possível identificar certa semelhança entre a psicologia e as práticas ancestrais aqui citadas. Ambas têm interesse no cuidado e acolhimento e reconhecem a importância das vivências

coletivas experimentadas pelo sujeito sobre sua subjetividade. Assim sendo, considera-se que a psicoterapia voltada para a comunidade negra deve considerar as feridas causadas pelo racismo, todo o seu contexto e relações estabelecidas por seus indivíduos, suas crenças e histórias (SANTOS, 2019).

Ainda sobre saúde mental, Nascimento (2004) fala sobre o auxílio psicológico e sua importância no processo de superação do complexo de inferioridade vivenciado por muitos indivíduos negros, ao discutir sobre os impactos do racismo na comunidade negra e sobre as ações sociais do Teatro Experimental do Negro para combater o racismo (DO NASCIMENTO, 2004). O Teatro Experimental do Negro citado acima surgiu no Rio de Janeiro em 1944 com o objetivo de valorizar a cultura negra no Brasil, por meio da cultura, arte e educação. Dentre suas iniciativas estava a alfabetização de seus membros, além de incentivá-los a refletir sobre o lugar que ocupavam na sociedade da época. Sendo assim esse era um movimento de grande importância por valorizar e propagar a cultura negra e trazer à tona o contexto racista de uma época em que o mito da democracia racial tinha grande força no Brasil (DO NASCIMENTO, 2004).

Segundo propõe Veiga (2019), a psicologia deve estabelecer questionamentos acerca das formas como se abordam e acolhem as demandas de parcelas minoritárias da população, como a população negra, se atentando para questões como privilégios, subjetividade e lugar de fala. Visto que todas as pessoas possuem um lugar de fala e podem optar por usá-lo de forma crítica para pensar e discutir temas variados, entre eles o racismo (RIBEIRO, 2017).

As autoras Tavares e Kuratani (2019) chamam a atenção para o fato de que no contexto clínico, ao atender uma pessoa negra torna-se necessário compreender e acolher os sentimentos demonstrados por esta, que podem variar entre raiva, ressentimento e medo. As experiências ligadas ao racismo como descrito anteriormente, afetam a autoestima, a visão de mundo, podendo causar um sentimento de não pertencimento. Neste sentido, o psicólogo além de estar aberto para acolher o que esse indivíduo traz, também precisa estar engajado nas discussões sobre os tipos de racismo e seu impacto na vida das pessoas negras.

A partir do que fora discutido até aqui, Veiga (2019) pontua que é de grande importância o movimento de acessar e disseminar as ideias e vivências de autores de outros grupos étnico-raciais, pois isso favorece a construção de uma psicologia sem um viés colonial, que contemple questões relativas à comunidade negra e suas particularidades. É esse lugar que a Psicologia Preta ocupa, ela reconhece os efeitos da colonialidade e do racismo sobre a saúde mental do povo negro. Apesar de ser ainda muito recente no Brasil, a Psicologia Preta

surgiu nos Estados Unidos em 1960, e o seu principal objetivo desde seu surgimento é auxiliar a população negra diante da violência proporcionada pelo racismo (GONÇALVES, 2020). A Psicologia Preta dentre vários aspectos, trabalha com o resgate do poder do povo negro e suas criações. Esse movimento de dar ênfase a esse poder auxilia o indivíduo negro a se enxergar enquanto potência, reconhecer que é oriundo do povo que criou a matemática, a medicina, a filosofia, o *jazz* entre outros (VEIGA, 2019).

Segundo Victoriano (2021) a psicologia preta possui uma abordagem psicossocial e se propõe a ser antirracista. No contexto da psicologia preta a prática clínica é racializada intencionalmente, pois compreende os efeitos do racismo sobre o povo negro e sua saúde mental, e por discutir o conceito de raça, não como um conceito biológico, e sim como algo no domínio social, ao mesmo tempo em que corresponde as marcas físicas, psicológicas e materiais pertencentes ao povo negro.

3. METODOLOGIA

Para a fundamentação teórica do artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de compreender do que se trata a filosofia da ancestralidade e de que forma o estudo deste tema pode auxiliar profissionais da psicologia a atender as demandas de clientes negros que sofrem ou sofreram com racismo. Tal escolha se justifica pelo fato de esse método possibilitar uma compreensão acerca do tema, considerando a totalidade dos eventos (ARAÚJO; QUEIROZ, 2020). Vale destacar que essa pesquisa foi realizada utilizando plataformas como *Scielo* e Google Acadêmico, utilizando de termos como ancestralidade, psicologia, subjetividade, colonialidade, psicologia decolonial e psicologia preta.

Esta se classifica como uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa. Para a obtenção dos dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, que de acordo com Moré (2015) confere protagonismo ao entrevistado ao possibilitar que este se expresse com maior liberdade, abordando suas emoções, vivências e opiniões frente ao tema abordado. Além disso a autora pontua que a entrevista semiestruturada é geradora de significados e por meio dela é possível obter informações a partir de pontos de vista diversos. Foram entrevistadas um total de quatro pessoas, das cidades de Inhaúma e Sete Lagoas, sendo estes negros de pele retinta. Essa escolha se justifica pelo fato de que historicamente sujeitos negros de pele retinta sofrem com uma discriminação racial baseada em seus traços, seu cabelo crespo e o seu tom de pele em especial, tal prática (o colorismo) tolera a presença e a figura do negro de pele mais clara, ao mesmo tempo em que não aceita e por vezes exclui o negro de pele retinta (SILVA, 2017).

Ademais, vale destacar que a seleção dos entrevistados foi influenciada pela disponibilidade e acessibilidade dos mesmos para falar sobre o tema e conceder a entrevista por via online.

A análise dos dados foi feita a partir de Bardin (1977), uma vez que a análise de conteúdo é uma prática empírica que possibilita o enriquecimento da pesquisa exploratória. A análise de conteúdo envolve três etapas: a pré-análise que consiste em uma leitura e seleção do material a ser utilizado, seguida da exploração e interpretação dos dados obtidos. As categorias escolhidas para a discussão dos dados foram: 1) Contexto histórico do Brasil e a percepção do racismo; 2) O contato com o racismo e seus efeitos sobre a subjetividade; 3) O papel da psicoterapia e o escasso acesso dos indivíduos. Por meio de tal técnica se torna possível confirmar ou invalidar as hipóteses adotadas provisoriamente em uma pesquisa. Foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos indivíduos entrevistados, para garantir a segurança e o sigilo sobre suas informações.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

Participante	Idade	Sexo	Estado civil	Ocupação atual	Nível educacional	Residência
E1	20 anos	M	Solteiro	Desempregado	Técnico	Inhaúma
E2	25 anos	M	Solteiro	Auxiliar de produção	Ensino médio	Sete Lagoas
E3	23 anos	M	Solteiro	Estudante	Superior	Inhaúma
E4	64 anos	F	Casada	Professora	Superior	Inhaúma

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Os dados obtidos serão apresentados abaixo em categorias para melhor serem representados, apresentando as concordâncias e discordâncias com a pesquisa bibliográfica feita anteriormente. As categorias escolhidas para a discussão dos dados foram: 1) Contexto histórico do Brasil e a percepção do racismo; 2) O contato com o racismo e seus efeitos sobre a subjetividade; 3) O papel da psicoterapia e o escasso acesso dos indivíduos. (BARDIN, 1977).

4.1 Contexto histórico do Brasil e a percepção acerca do racismo

Os dados obtidos demonstraram que os entrevistados relacionaram o racismo vivenciado atualmente com o contexto histórico e o processo de colonização do nosso país, cada um à sua maneira relatou as experiências pelas quais passaram, como demonstra os seguintes trechos:

“Geralmente as pessoas desconfiam quando eu chego em determinados lugares, por exemplo, quando vou em um lugar mais “refinado” me atendem de forma diferente ou nem atendem. Em Diamantina por exemplo acontece o tempo todo nas lojas, as vezes tenho que me virar e procurar as coisas sozinho, porque alguns vendedores fingem que não estão vendo. Isso se deve ao pensamento colonial que segue entre nós e o preconceito velado que é cada vez mais constante, e a falta de um saber crítico das pessoas e também falta de informação sobre a cultura afro-brasileira que quase sempre é vinculada a roubo, tráfico e etc. E essa construção foi passada por todas as gerações tornando essas atitudes corriqueiras e comuns infelizmente”. (E3)

“No meu início de carreira tinha um currículo muito bom, mas como eu era negra, colocavam a branca na vaga. Verbalmente também eu fui muito prejudicada, porque o racismo em si ele não machuca as pessoas só ali na prática não, mas verbal também. O verbal eu acho mais doído porque palavras machucam, palavras doem, o racismo já vem de muitos anos, desde o século XVI e XVII que o racismo já era cruel dentro da sociedade. Por aí você vê o tanto que as pessoas estão sofrendo racismo, verbalmente, na prática, em casa e no trabalho, eu já vivi tudo isso”. (E4)

Tal fato vai de encontro com o que pontua Bragato (2016) ao afirmar que a colonialidade oriunda do colonialismo, ultrapassou o período da colonização e ainda hoje pode-se perceber os padrões de poder que já se mantém a longas datas e influencia a cultura e produções de saber, assim como as relações intersubjetivas e de trabalho. A fala de E3 sobre a forma racista como é visto por algumas pessoas em determinados ambientes, se relaciona com o que Fernandes; Souza (2016) apontam sobre a representação dos corpos negros ainda ser ligada a diversos estereótipos racistas, que associam sua figura ao roubo, o considera alguém perigoso. Como salientam as autoras, esse tipo de representação é construído socialmente a partir de narrativas hegemônicas, que o fazem com base nas características corporais de um indivíduo.

Ao mesmo tempo em que se tem indivíduos que estabelecem essa relação, houve um entrevistado que afirmou nunca ter sofrido racismo em momento algum de sua vida, sendo este curiosamente, o mais retinto dos entrevistados. O trecho a seguir apresenta tal afirmação:

“Olha eu me enxergo incluso na sociedade, me enxergo de uma forma positiva. Comigo mesmo eu nunca tive preconceito assim não, porque geralmente tem pessoas negras que não gostam de sua cor, mas eu me enxergo normalmente, tipo, eu gosto de ser negro sabe? Em outras ocasiões nunca pensei em mudar de cor, porque hoje em dia existe possibilidade de mudar de cor e eu nunca tive essa vontade não, me enxergo positivamente bem. Porque eu nunca passei por maus tratos, então isso contribui para que não haja essa vontade de não ser negro”. (E1)

Isso vai em sentido contrário ao que Silva (2017) destaca ao dizer que quanto mais pigmentada a pessoa, maiores são as chances de ela sofrer com o racismo, sendo que todos os traços que destacam sua descendência africana também influenciam no processo. Considerando os relatos de E4 sobre o racismo vivenciado no mercado de trabalho, vale mencionar o que discute Lima (2020), a autora trata desse preterimento de pessoas negras por pessoas brancas no mercado de trabalho e associa tal fato ao racismo estrutural presente no Brasil desde seu processo de colonização.

Nesse processo a autora aborda a forma como toda a estrutura social e econômica do país foi construída a partir da exploração e posterior exclusão do povo negro, ao mesmo tempo em que retrata o período em que ocorreu a abolição da escravidão, sendo que aos negros não foram disponibilizados recursos para que estes sobrevivessem. Sendo assim a única alternativa para estes era voltar a viver sob as mesmas condições de vida e trabalho precárias, quando se dirigiam às cidades em busca de emprego esses indivíduos eram preteridos pelos empresários, que preferiam contratar imigrantes europeus. Todo esse processo se liga com o relato atual de E4 e demonstra como o racismo em suas diversas formas ainda se faz presente (LIMA, 2020).

4.2 O contato com o racismo e seus efeitos sobre a subjetividade

Apesar de terem vivenciado situações de racismo, três dos entrevistados relatam que essa experiência foi marcante em determinados momentos e de difícil compreensão. Entretanto, com o amadurecimento fora possível não somente aprender a lidar, mas também a ver o assunto de forma crítica, o que pode ser observado nos trechos a seguir:

“Na infância não tinha muita referência ou representatividade. Tipo, eu quando era criança eu ficava pensando: porque eu nasci preto? Gente porque tinha que passar um pensamento desse na cabeça de uma criança? Quanto de racismo essa criança não deve ter sofrido, de bullying na escola pra passar isso na cabeça dela. Eu já cheguei a pensar: porque não nasceu todo mundo branco? Aí não tinha esse problema. Só que aí com o tempo a gente vai percebendo que não é bem assim, o povo negro é um povo maravilhoso, a diferença é que ele não tava sendo apresentado”. (E2)

“No início era meio difícil de entender porque eu era criança e não entendia porque algumas crianças paravam de brincar quando eu chegava. Com o passar do tempo fui entendendo o que acontecia e passei a me comportar de outra maneira, nunca deixei de participar por causa disso e sempre tratei eles com o respeito que me passava”. (E3)

“Fui excluída de coisas que podia crescer, mas a cor da minha pele me excluiu de várias competições, por exemplo, me aposentei sem me efetivar. Aí eu coloquei um basta, cheguei no meu limite mesmo, e falei: olha, daqui pra frente ninguém me pisa. Então eu procurei fazer coisas, mostrar pra eles que eu tinha capacidade, porque eu vivia indecisa sabe? Eu ficava pensando: meu Deus será que a voz negra não tem importância? Então eu mostrei pra eles que tinha sim”. (E4)

Sobre a fala acima, Veiga (2019) pontua que dentre os efeitos do racismo nas subjetividades negras se encontra a tentativa de se aproximar do ideal branco em detrimento dos traços negros, poderia esse questionamento acerca de sua cor ser fruto desse processo? O autor pontua que além desse efeito, existe a possibilidade do indivíduo introjetar o sentimento de ódio que recai sobre o povo negro historicamente. Observando os dados coletados e aqui apresentados, esse sentimento de ódio por si mesmo não foi relatado por nenhum dos entrevistados.

Considerando o que foi apresentado anteriormente, as vivências dos entrevistados de certa forma impulsionaram em suas buscas por figuras que servissem como referência para auxiliá-los no processo de construção de suas subjetividades conforme indicam as falas a seguir:

“O que me fez perceber essas coisas foi exatamente a televisão, os vídeos, a internet, essas coisas, meio de comunicação me fizeram ver essas coisas. Nem na revista a gente não via muita modelo negra e aí começou a ter, depois que a Rihanna colocou a mão no desfile da Fenty Beauty foi melhor ainda. [...] Eu fui começando a ver gente negra na televisão e em tudo quanto é lugar, fui gostando e me sentindo representado e pra mim não teve nada melhor”. (E2)

“As experiências e os ensinamentos da minha mãe. Ela sempre me ensinou desde novo que por ser preto as coisas seriam mais difíceis e que nem todos me tratariam com a mesma educação e respeito, e que eu não devia abaixar minha cabeça por isso”. (E3)

“Depois que comecei a fazer faculdade tudo mudou em minha vida, percebi que era vista com outros olhos, estudei na UFOP, foram quatro anos e meio e em todo lugar que eu apresentava o meu diploma era muito elogiada, foi aí que percebi que estudar era importante”. (E4)

Isso exemplifica o conceito de processo de subjetivação descrito por Oliveira e Trindade (2015), onde este ocorre a partir de experiências do cotidiano e sofrem influência de fatores como cultura e a história, que vão influenciar na forma como os sujeitos agem e pensam com relação ao assunto tratado.

4.3 O papel da psicoterapia e o escasso acesso dos indivíduos

Ficou evidente que todos os entrevistados acreditam que a psicoterapia pode ser útil para lidar com o racismo, entretanto, nenhum deles teve qualquer contato com a mesma.

Quando questionados a respeito, afirmaram que isso se deve a fatores como a falta de informação, de recursos e até mesmo banalização do assunto, como apresenta os seguintes trechos:

“Não, não tive contato com a terapia não. Por falta de informação mesmo, não havia coisas graves pra tá tendo que passar”. (E1)

“Não, ainda não. Nunca tive contato com terapia não, mas creio que eu preciso, todo mundo precisa de terapia, a questão da terapia é curar feridas que nem a gente sabe que tem né? Falar algumas coisas e desabafar umas coisas. Mas eu tenho vontade de fazer”. (E2)

“Não. Falta de informação e banalização dessas questões. De forma geral, até pouco tempo eu tinha vergonha de expor essas questões porque faziam piadas e tal”. (E3)

“Não, eu nunca tive esse contato não. Na época os recursos eram precários e eu acredito que se fosse hoje teria sim, pois as coisas hoje estão mais fáceis”. (E4)

Todas essas respostas chamam atenção para o fato de que a saúde mental de pessoas negras que passam por situações de racismo carece de maior atenção. Esses dados confirmam que historicamente a população negra ainda tem pouco acesso a serviços de saúde, especialmente no setor privado, e isso pode contribuir para o baixo engajamento de profissionais liberais em questões ligadas a essa população, e até mesmo pode dificultar sua percepção acerca das especificidades da mesma no que diz respeito a demandas ligadas ao racismo e outras formas de discriminação (TAVARES; KURATANI, 2019).

Ainda sobre a psicoterapia, todos os entrevistados a partir de seus conhecimentos a respeito descreveram o que eles acreditam ser o papel da psicologia frente aos casos de racismo, e isso se evidencia nas seguintes falas:

“Ela vai ajudar com a pessoa que sofre pro lado emocional da pessoa. Tipo como a pessoa tá lidando com aquilo, porque claro que ela vai lidar de forma negativa, ela vai sentir muito no interior dela, e isso pode ocasionar até outras coisas ruins. Então ela vai abranger o estado emocional da pessoa”. (E1)

“Ela deve ser informativa, deve levantar a auto-estima da pessoa e ensinar elas a lidar da melhor forma, procurar os órgãos de justiça caso necessário. Deve ser uma instrução completa”. (E2)

“Trazer as pessoas ao entendimento de que a vítima não tem culpa e que isso é um reflexo da nossa sociedade, e que nunca devemos deixar de lado ou nos silenciarmos”. (E3)

“Ao meu ver a psicoterapia seria muito importante, pois as pessoas não seriam difamadas, violentadas e não teriam acesso negado em tipos de serviços ou lugar por conta de sua cor ou origem étnica”. (E4)

Ainda que nenhum dos entrevistados tenha experimentado o auto-ódio ocasionado pelo racismo, que fora apontado na literatura consultada e aqui mencionada, a fala de um entrevistado retrata o sentimento de raiva que o mesmo sentiu por aqueles que praticaram racismo contra ele:

” Raiva! Eu tinha vontade de picar o pescoço das pessoas, mas não podia. Ainda tenho! Antigamente eu poderia dizer que eu ficava muito sem graça, que isso me doía, não que não doa, mas dói menos. Tipo a gente saber que é julgado

simplesmente pela cor da pele e pelos traços da gente é muito ruim, só que depois que você tem para si que você é uma pessoa maravilhosa e ninguém tem a ver com isso, acaba que tira metade dessa raiva”. (E2)

O autor Veiga (2019) pontua que para sair desse lugar de raiva ou ódio e passar a se empoderar e estabelecer novas relações consigo e com outras pessoas, uma das alternativas de tratamento seria atribuir a responsabilidade àquele que pratica o racismo. E durante as entrevistas algo semelhante surgiu:

“Então a segunda opção, que seria a mais viável, seria dar informação, punir quem é racista, tipo informar”. (E2)

“Ao meu ver, a psicoterapia irá tratar qual é o estado emocional da pessoa, porque ela contribui e comete o racismo, acho que por esse meio aí”. (E1)

Essa é uma prática da Psicologia Preta como aponta Veiga (2019) e como foi exposto anteriormente, é lugar da psicologia fazer uso do estudo da ancestralidade, estar envolvida nos saberes, nas subjetividades, na cultura e a historicidade do povo negro. Esse movimento é que vai proporcionar um senso de valorização e auxiliar no combate aos efeitos do racismo sobre as suas subjetividades, esse é um resgate que os entrevistados destacam como necessário:

“Tinha que ter mais ensino sobre as matrizes africanas nas escolas, para as crianças negras já crescerem tendo orgulho de si mesmo e já saber se defender”. (E2)

“Uma abordagem diferente na educação, onde o negro não seja apenas a vítima, mas também que se mostre todas as virtudes e conhecimentos desse povo e que a história seja mostrada dos dois lados e não apenas seja vista pela visão dos opressores”. (E3)

A fala acima exprime a visão dos entrevistados sobre a forma como as relações étnico- raciais devem ser ensinadas, especialmente no contexto educacional. Sobre isso, Reis et al. (2020) abordam a lei n. 10.639/2003 que estipula a obrigatoriedade da inclusão curricular o ensino da cultura africana e afro-brasileira, tanto em escolas públicas quanto privadas. Isso representa um avanço nas reivindicações dos movimentos negros por uma educação antirracista, além de estimular o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A justificativa apresentada se mostrou verdadeira, uma vez que de fato há uma baixa produção acadêmica sobre o assunto tratado. Ao mesmo tempo em que se vê a possibilidade de propor diálogos e fazer conexões do tema com a Psicologia Preta, visto que ambos necessitam ser mais explorados e disseminados. O objetivo geral da pesquisa foi atingido, pois os resultados obtidos demonstraram que é de extrema relevância que os psicólogos estejam cientes do contexto histórico do Brasil, do processo de colonização e a forma como

isso ainda reflete na sociedade, assim como precisam saber do que se trata o estudo da ancestralidade, a fim de compreender melhor os efeitos do racismo sobre pessoas negras e melhor acolher suas demandas.

Quanto aos objetivos específicos, estes foram alcançados. O contexto histórico do Brasil e sua relação com o racismo foi exposto, assim como o conceito de ancestralidade, ao mesmo tempo se discutiu sobre a subjetividade e os processos de subjetivação, para enfim abordar as interfaces entre a psicoterapia e a ancestralidade. O pressuposto adotado inicialmente foi confirmado, demonstrando que de fato o estudo da ancestralidade é promissor e possui um papel importante no contexto da psicoterapia para compreender a história do povo negro, considerando toda sua riqueza cultural, suas contribuições e potencialidades. Tendo em mente que é por meio do resgate da memória ancestral que se torna possível uma melhora na qualidade de vida do povo negro, através da reapropriação dos valores e princípios da ancestralidade que esses sujeitos se desvencilham dos efeitos da colonialidade. O que se destaca nos dados coletados é a importância de abordar o racismo de forma crítica, considerando sua origem e suas repercussões na sociedade e seus indivíduos.

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se a entrevista semiestruturada como meio de coleta de dados. As entrevistas foram concedidas por quatro pessoas das cidades de Inhaúma e Sete Lagoas, por meio de plataformas online devido ao cenário atual da pandemia. Diante disso, pode-se confirmar que essa pesquisa teve suas limitações, a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a falar sobre o tema é uma delas. Considerando o fato de que o número de entrevistados foi pequeno, não foi possível concluir de forma generalizada alguns dos fatos que surgiram durante a coleta de dados, sendo assim a pesquisa se encerrou com mais espaço para construção de diálogos sobre o tema.

Quanto a pesquisas futuras, recomenda-se que estas investiguem o nível de acesso de pessoas negras a terapia, além disso seria interessante que pesquisas futuras discutam sobre a forma como o povo negro é educado a respeito de sua própria história. Ademais, seria viável realizar pesquisas sobre este tema, com um número maior de participantes e das mais variadas faixas etárias para observar a percepção dos mesmos sobre o tema. Ao mesmo tempo em que seria útil conduzir entrevistas tendo como sujeitos entrevistados profissionais de Psicologia, com o intuito de averiguar o que eles sabem a respeito do tema e como eles atuam frente a demandas ligadas ao racismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. D. DE; QUEIROZ, C. F. DE. Pesquisa Bibliográfica, estratégias de buscas e fontes de informação: conceitos e abordagens. In: **Pesquisa Fórum Favela Universidade - Projeto Tecendo Diálogos**, 1, 2020, Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT, 2020. p.1-39.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAGATO, F. F. Discursos desumanizantes e violação seletiva de direitos humanos sob a lógica da colonialidade. **Quaestio Iuris**. Rio de Janeiro, n. 4, v. 9, p. 1806-1823, mai. 2016. Disponível: < <https://emeron.tjro.jus.br/images/DHJUS/VAGUEZA-E-AMBIGUIDADE-NO-DISCURSO-DO-DIREITO.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020.

FERNANDES, V. B; SOUZA, M. C. C. DE. Identidade negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 63, p. 103-120, abr. 2016. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114868>>. Acesso em: 12 out. 2020.

GASTAL, C. A; PILATI, R. Escala de necessidade de pertencimento: adaptação e evidências de validade. **Psico-USF**, Itatiba, v. 21, n. 2, p. 285-292, mai/ago. 2016. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712016000200285&lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, W. et al. Danos causados pelo racismo por meio de termos linguísticos na saúde mental da população negra e a importância da psicologia preta para esse público: uma educação para as escolas. **Revista de casos e Consultoria**. Itajubá, v. 11, n. 1, p. 1-16, nov. 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/22407/13452>>. Acesso em: 27 mai. 2021.

LIMA, S. T. B. Direitos Humanos dos negros: racismo estrutural, necropolítica, interseccionalidade e o mito da democracia racial no Brasil. **Revista Educação e Humanidades**. Amazonas, v.1, n. 2, p. 119-132, jul. 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/7917/5634>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MORÉ, C. L.O.O. A entrevista “em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde: Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. **CIAIQ2015**. Santa Catarina, v. 3, p. 126-131, jul. 2015. Disponível em: < <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental de negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**. São Paulo, n.50, v.50, p. 209-224, jan/abr. 2004. Disponível em:< https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019>. Acesso em: 09 dez. 2020.

ORTEGAL, L. Relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n.133, p. 413-431, set/dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282018000300413&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 14 out. 2020.

OLIVEIRA, A. L. DE; TRINDADE, E. Apontamentos acerca da subjetividade e dos processos de subjetivação no mundo contemporâneo e suas repercussões na clínica psicoterápica. **Revista Psicologia e Saúde**. Campo Grande, n.1, v. 7, p. 30-38, jan/jun. 2015. Disponível: <<https://www.pssa.ucdb.br/pssa/article/view/398>>. Acesso em: 27 set. 2020.

OLIVEIRA, E. Filosofia da ancestralidade: Diálogo entre a filosofia da libertação e a filosofia africana. Salvador, Revista Ideação. 02 jun. 2020. Entrevista a Luís Carlos Ferreira.

OLIVEIRA, E. D. DE. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Salvador, n.18, p. 28-47, mai/out. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **Conselho Latino-americano de Estudos Sociais**. Buenos Aires, p. 117- 142, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

REIS, M. C; SILVA, J. S; ALMEIDA, G. S. S. Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico- raciais. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v. 21, n.62, p. 131-143, jul/set. 2020. Disponível em:< <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/49419>>. Acesso em: 02 mai. 2021.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, A. O. O Enegrecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional. **Psicologia: Ciência e Educação**. Brasília, v. 39, p. 156-171, 15 ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000500305&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 set. 2020.

SANTOS, A. OLIVEIRA, L. R. Abordagem CTS diante das interpelações da afrocentricidade: a saúde da população negra. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**. Uruguai, v. 9, n. 2, p. 47-61, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1688-70262019000200047&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 26 mai. 2021.

SANTOS, L. Èmí, Ofò, Asé: a Elinga e a dança das Mulheres do Àse. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 1-26, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-26602020000300304&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 out. 2020.

SANTOS, R. N; CORREIA, M. R. A psicologia e a construção de identidade negras: o lugar da capoeira. **Revista Científico**. Fortaleza, v. 19, n. 39, p. 1-29, jan/ jun. 2019. Disponível em: <<https://cientefico.emnuvens.com.br/cientefico/article/view/606/408>>. Acesso em: 26 out. 2020.

SARAIVA, A. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos**. Agência IBGE. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos> site do IBGE>. Acesso em: 13 out. 2020.

SILVA, C. E. Pendurado nas botas do Barão: reflexões sobre (meus) processos de subjetivação. **Sala Preta**, Santa Catarina, v. 16, n. 2, p. 25-41, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/salapreta/article/view/121982>>. Acesso em: 27 out. 2020.

SILVA, F. P. DA; AGOSTINHO, P. F. O ser negro no Brasil. **Revista de Educação Popular**, Paraíba, v. 19, n. 2, p. 123-136, 1 set. 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/51007>>. Acesso em: 12 out. 2020.

SILVA, T. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Direito UNIFACS- Debate Virtual**. Salvador, n. 201, p. 1-19, mar. 2017. Disponível em:<<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/issue/view/262>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

TAVARES, J. S. C; KURATANI, S. N. Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Bahia, v. 39, p. 1-13, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100118>. Acesso em: 29 mar. 2021.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/fractal/v31nspe/1984-0292-fractal-31-esp-244.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2020.

VICTORIANO, C.S. Psicologia Preta. UNITAU, in: Jornada Psicologia Preta, 14 mai. 2021. Palestra.